

DVD
Material
Educativo
para
Professor
Propositor

A HERANÇA DE
MESTRE VITALINO



DVDteca

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(William Okubo, CRB-8/6331, SP, Brasil)

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA

A herança de Mestre Vitalino / Instituto Arte na Escola ; autoria de Elaine Schmidlin ; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2006.

(DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor ; 115)

Foco: PCT-A-1/2006 Patrimônio Cultural

Contém: 1 DVD ; Glossário ; Bibliografia

ISBN 85-7762-003-4

1. Artes - Estudo e ensino 2. Cerâmica 3. Cultura popular 4. Mestre Vitalino I. Schmidlin, Elaine II. Martins, Mirian Celeste III. Picosque, Gisa IV. Título V. Série

CDD-700.7

 **Créditos**

MATERIAIS EDUCATIVOS DVDTECA ARTE NA ESCOLA

Organização: Instituto Arte na Escola

Coordenação: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Projeto gráfico e direção de arte: Oliva Teles Comunicação

MAPA RIZOMÁTICO

Copyright: Instituto Arte na Escola

Concepção: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Concepção gráfica: Bia Fioretti

A HERANÇA DE MESTRE VITALINO

Copyright: Instituto Arte na Escola

Autor deste material: Elaine Schmidlin

Revisão de textos: Soletra Assessoria em Língua Portuguesa

Diagramação e arte final: Jorge Monge

Autorização de imagens: Ludmilla Picosque Baltazar

Fotolito, impressão e acabamento: Indusplan Express

Tiragem: 200 exemplares

DVD

A HERANÇA DE MESTRE VITALINO

Ficha técnica

Gênero: Documentário com depoimentos de descendentes de Mestre Vitalino e seus discípulos, e do museólogo do Museu do Barro.

Palavras-chave: Heranças culturais; estética do cotidiano; educação patrimonial; imaginário fantástico; cerâmica; museu; regionalismo; cultura popular.

Foco: **Patrimônio Cultural.**

Tema: A história de Mestre Vitalino e seus discípulos, que transformaram a pequena comunidade de Alto do Moura, em Caruaru/PE no maior centro de arte figurativa das Américas.

Artistas abordados: Mestre Vitalino, Manuel Eudócio, Zé Caboclo, Zé Rodrigues, Mestre Galdino e Marliete Rodrigues da Silva.

Indicação: A partir da 1ª série do Ensino Fundamental.

Direção: Cacá Vicalvi.

Realização/Produção: Rede SescSenac de Televisão, São Paulo.

Ano de produção: 2000.

Duração: 23'.

Coleção/Série: *O mundo da arte.*

Sinopse

O primeiro bloco do documentário apresenta o contexto de Alto do Moura, em Caruaru/PE, onde o barro do Rio Ipojuca se uniu ao gênio de Mestre Vitalino, um sertanejo iluminado que faz a crônica de seu tempo e sua gente em bonecos que ganharam fama pelo mundo. O segundo bloco apresenta depoimentos de familiares e produções de peças de barro dos artesãos que foram seus discípulos, com comentários do museólogo Walmiré Porto, do Museu do Barro de Caruaru. A terceira parte finaliza com as novas gerações, que fazem deste povoado o maior centro de arte figurativa das Américas.

Trama inventiva

Obras de arte que habitam a rua, obras de arte que vivem no museu. Um vestígio arqueológico que surge em um deserto de pedra, das cidades como ruínas. Bens culturais, materiais e imateriais se oferecem ao nosso olhar. Patrimônio de cada indivíduo, memória do coletivo. Representam um momento da história humana, um marco de vida. Testemunho da presença do ser humano, seu fazer estético, suas crenças, sua organização, sua cultura. Se destruídos, empobrecemos. Quando conservados, enriquecemos. Patrimônio e preservação são, assim, quase sinônimos. Na cartografia, movemos este documentário ao território **Patrimônio Cultural**, para nos orgulharmos das realizações artísticas e encontrarmos nelas nossas heranças culturais.

O passeio da câmera

“O alto falante anuncia a pomada milagrosa”, assim a narradora nos introduz pelas ruelas de Alto do Moura, município de Caruaru/PE. A música da Banda dos Pifanos acompanha os nossos olhos pela casa onde viveu Mestre Vitalino, pelo Museu do Barro de Caruaru e nos apresenta os seus seguidores que, como ele, retratam cenas cotidianas do nordeste brasileiro.

O documentário foi alocado em **Patrimônio Cultural**, mas há outros territórios a serem explorados no mapa potencial.

Sobre Mestre Vitalino e seus discípulos

(Ribeira dos Campos/PE, 1909-1963)

Era mais importante que eu aprendesse a usar minhas mãos que minha cabeça... Na minha terra, as mãos produzem comida e a cabeça só produz confusão.

Mestre Vitalino

Vitalino Pereira dos Santos nasce no distrito de Ribeira dos Campos, cercanias de Caruaru, na pequena casa, hoje, transformada em museu. Tímido, cordial, católico devoto de Padre Cícero, Vitalino é festeiro e analfabeto como a maioria das pessoas de sua região, pois as escolas praticamente não existiam ali naquela época. Seu pai trabalha na roça e a mãe, como sua avó, é louceira, faz cerâmica utilitária. Quando criança, ele brinca modelando com as sobras de barro de sua mãe. Por volta dos 7 anos, começa a enviar sua produção para a feira.

As cenas cotidianas do homem agreste nordestino – sua gente, usos e costumes, são registradas no barro por Vitalino, um cronista do cotidiano, “plasmando no barro o sofrimento de seu povo”, segundo depoimento do museólogo Walmiré Porto.

Descoberto por intelectuais no final dos anos 40, Mestre Vitalino viaja pelo Brasil, vende peças para museus e colecionadores do mundo inteiro, mas não conhece a riqueza. Falece de varíola, em 1963, aos 53 anos em Alto do Moura, para onde se muda em 1948, com 39 anos, quando já é artesão famoso.

Entre seus muitos discípulos e seguidores, alguns revelam singularidades.

Manuel Eudócio (1931) começa seu aprendizado com Vitalino aos 17 anos. Segundo Walmiré Porto, sua cerâmica é mais festiva, voltada para os folguedos e o folclore: figuras do repentista, do pau de arara, do bicho do pé, entre outros, com muito humor.

Zé Caboclo (José Antônio da Silva, 1921-1973) também aprende com Vitalino. No Museu do Barro, seu nome é reconhecido. Ele inova na técnica introduzindo o arame nos pés para dar sustentação e durabilidade à peça, além de fabricar o carimbo, que indica a autoria da peça. Eudócio introduz os olhinhos pintados substituindo o furo na argila usado no passado.

Mestre Galdino (Manuel Galdino de Freitas, 1929-1996), com mais de 50 anos, deixa a profissão de pedreiro e começa a criar estranhas figuras com o barro. Produz peças figurativas no iní-

cio e, depois, parte para o surrealismo, compondo um poema para cada uma de suas peças. Até os 73 anos, quando morre, deixa uma obra sem paralelos. Atualmente, seu filho Antônio Galdino mantém um ateliê onde reproduz fielmente as criaturas que o pai inventou.

Zé Rodrigues fica conhecido pelos santos e Dona Ernestina, única mulher a figurar no grupo, modela a temática regionalista de Vitalino. Entre a nova geração, destacam-se:

Severino Vitalino (1940), o único, dos seis filhos do Mestre, que continua a trabalhar a cerâmica e, como o pai, vai buscar o barro no Rio Ipojuca. Reproduz na cerâmica as mesmas características que Vitalino imprimia no barro. Marliete Rodrigues da Silva (1957), filha de Zé Caboclo, ganha destaque pelas miniaturas em poções diminutas de barro, que trazem também a temática da vida nordestina.

Se Mestre Vitalino usava as mãos, com certeza sua mente brilhante fez mais do que confusão. **Deixou uma cidade inteira marcada pela cena nordestina registrada em barro e que hoje, por meio de sua herança, sobrevive recriando-as.**



Os olhos da arte

Em cada sentido moram outros sentidos. Os olhos, os ouvidos, a boca o nariz, a pele, o corpo todo está inserido na cultura. Sentimos o mundo e construímos os sentidos a partir do que vivemos. Danças, músicas, histórias, objetos, roupas, utensílios, comidas, remédios, crenças, valores - as linguagens através das quais registramos, expressamos e transmitimos o que pensamos, o que sentimos e tudo o mais que diz respeito à nossa vida – pertencem a um acervo revelador: o patrimônio cultural, tradição, herança de outros tempos que se junta ao presente, ganhando o futuro.

Célia Maria Corsino¹

O acervo revelador da vida nordestina, deixado por Mestre Vitalino, vive como herança cultural, mas é recriado por cerca de quinhentas famílias, cujo sustento é retirado das peças de barro que comercializam em Alto do Moura e na Feira de Caruaru. Elas dão continuidade à sua temática e ao estilo das

cenar do cotidiano sertanejo². Uma tradição que se junta ao presente e que precisa ser preservada.

Na casa do Alto do Moura, onde Mestre Vitalino morou, hoje, transformada em museu, estão expostos objetos de uso pessoal, ferramentas de trabalho, além de móveis, utensílios e fotos que retratam sua trajetória. Nessa casa, as novas gerações cuidam de manter a herança de Mestre Vitalino, que se tornou um mito no nordeste, quase tão poderoso quanto Padre Cícero e Lampião. Era um homem simples, mas mudou a vida de toda uma comunidade. Cuidado por seu filho Severino, o museu é ponto de vendas do trabalho de filhos e netos, com o artesanato *Mãos de Vitalino*.

A família de Zé Caboclo é outro exemplo. Dona Celestina, sua viúva, repete de maneira original o que durante séculos foi o trabalho das mulheres, a cerâmica utilitária, e a faz em miniaturas. Sua filha Marliete Rodrigues da Silva, que já realizou exposições no exterior, recria as cenas em miniatura: o vendedor de plantinhas, a vovó vendendo o trabalho, por exemplo, falam de sua gente, na terra árida do nordeste. Marliete não replica ou copia a tradição do Mestre e seus discípulos, mas a recria.

Como um fenômeno simbólico, a cultura lida com as tradições, recriações, rupturas, a estética do cotidiano. São as singularidades de cada criador que atualizam e ressignificam as tradições, como o procedimento de modelar as figuras dos bonecos, que é quase idêntico ao passado. Do mesmo modo, os rústicos fornos circulares continuam a queimar as peças com a lenha do sertão.

Pela oralidade, os conhecimentos são repassados às novas gerações de artesãos: o trato do barro, os cuidados com a secagem da peça que leva em torno de 3 a 4 dias, sempre à sombra para evitar rachaduras, a correta queima no forno à lenha, por volta de 6 horas, observando o esquentar, a manutenção e a elevação da temperatura, como também o esfriamento da peça. Com relação à decoração, quase nada é esmaltado, sendo o acabamento em terracota, embora, na atualidade, alguns as decorem com tintas comerciais em cores fortes e brilhantes.

Hoje, Alto do Moura é o maior centro de arte figurativa popular das Américas, mantendo a tradição e o legado vivo de Mestre Vitalino. Reconhecido pela Unesco, os artesãos abastecem não só a Feira de Caruaru, como também todos os mercados de arte popular, no Brasil e no exterior. Mas é preciso perceber diferenças conceituais. A propriedade cultural, “trata a cultura como uma propriedade em forma de objeto, sendo importantes as questões relativas à posse e controle, alienação e exploração como recursos econômicos. Patrimônio cultural, por outro lado, toma a cultura como herança, em relação a um povo ou comunidade”³. Por isso, **a criação de museus e a educação patrimonial são focos importantes para a preservação e conservação das heranças culturais, capazes de alimentar o presente e criar o futuro.**

É interessante notar que, na década de 60, surgiram muitos museus de folclore e de cultura popular nos diversos estados brasileiros. Isto se deveu a políticas culturais consistentes e que continuam a precisar de verbas para manutenção e ampliação de acervos. O Museu do Barro de Caruaru – também conhecido como Espaço Zé Caboclo é um desses espaços que precisa ser valorizado também por uma educação patrimonial que pode começar na escola e envolver as famílias e comunidades.

O passeio dos olhos do professor

Sugerimos que você inicie um diário de bordo, como instrumento para o seu pensar durante todo o processo de trabalho, já a partir da primeira observação do documentário. Uma pauta do olhar poderá ajudá-lo:

- Quais os conhecimentos que o documentário revela sobre o processo da cerâmica?
- Ele amplia a sua percepção sobre as feiras populares?
- O que é possível conhecer sobre o cotidiano sertanejo por meio da cerâmica figurativa nordestina?

- O que é possível perceber da relação do Mestre com seus discípulos?
- Quais as singularidades presentes nas produções artesanais das gerações posteriores a Mestre Vitalino? Quais as contribuições reveladas pelo documentário com relação a isso?
- O que seus alunos gostariam de ver neste documentário?

As anotações que você fez enquanto assistiu ao documentário, em desenhos ou palavras, podem ter iniciado um mapa potencial. O que você gostaria que seus alunos estudassem sobre o patrimônio cultural brasileiro e a cerâmica figurativa nordestina?



Percursos com desafios estéticos

Os percursos e desafios sugeridos, não seqüenciais, são apenas caminhos possíveis. A escuta e a observação atentas são importantes para a criação dos trajetos compartilhados com os alunos.



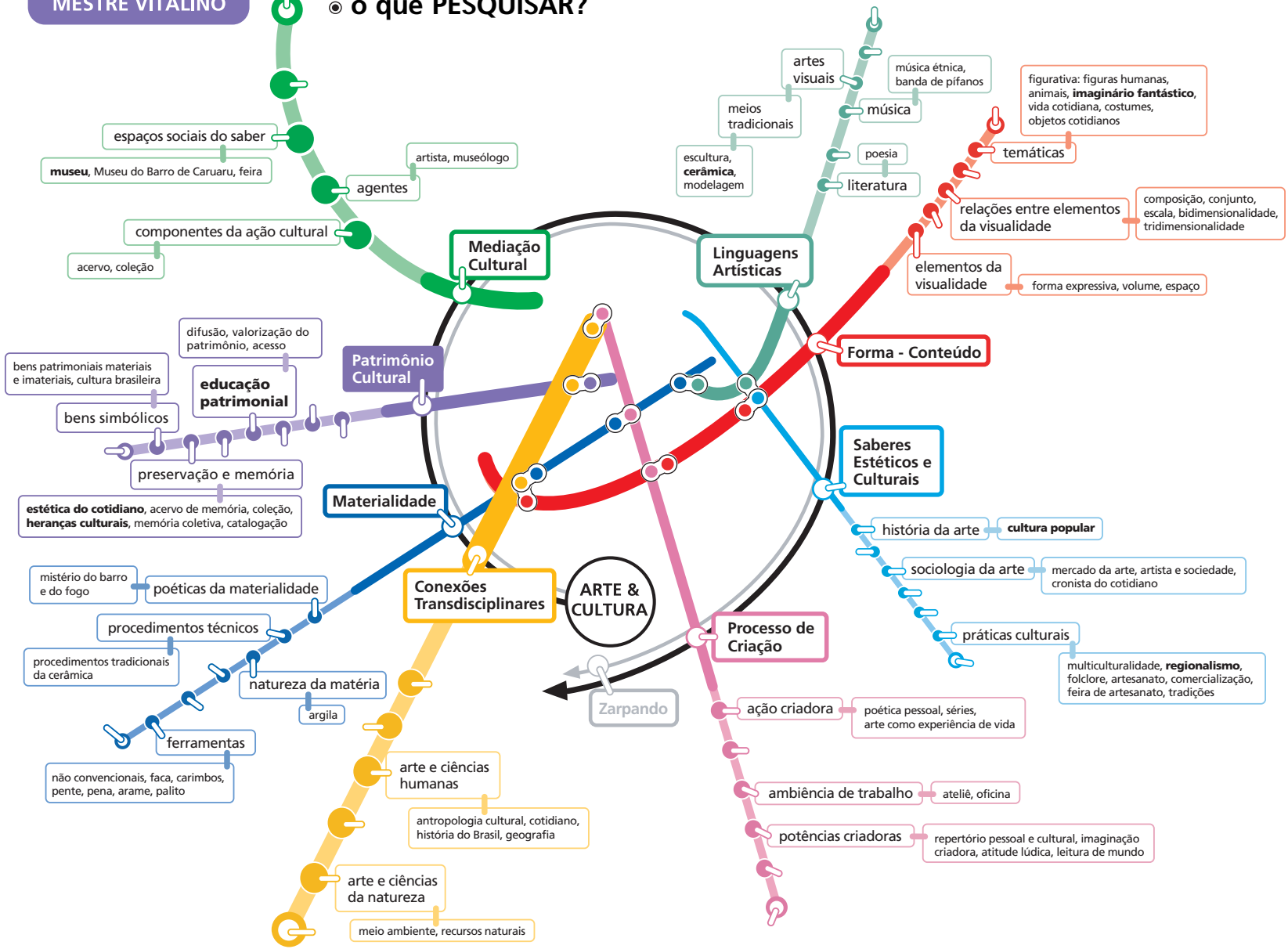
O passeio dos olhos dos alunos

Algumas possibilidades:

- O olhar para o fazer artesanal poderia iniciar um projeto. Um passeio pelas feiras ou lugares que comercializam este tipo de peça poderia ser o ponto de partida. Também seria interessante, simplesmente, trazer as peças à memória numa conversa inicial. Qual é o artesanato de sua região? Essas ações podem provocar a atenção para ver o primeiro bloco do documentário.
- A observação da materialidade e potencialidade da argila poderia ser um bom começo para aguçar sensibilidades. Para isso, organize um local com mesas forradas por jornais ou oleados, ideais para o trabalho com argila. Há muitos modos de convocar as mãos para melhor perceberem a temperatura desse material, a sua textura e maleabilidade. Essas características serão mais bem percebidas de olhos

Mapa potencial
A HERANÇA DE MESTRE VITALINO

- qual FOCO?
- qual CONTEÚDO?
- o que PESQUISAR?



fechados, mas é preciso aguardar um tempo para que os alunos possam entrar na experiência de fato. Os alunos podem modelar uma figura, pensando na ação que ela está fazendo. Só quando a figura estiver quase pronta, eles podem abrir os olhos para completá-la. Uma conversa sobre as figuras prepara para ver o segundo bloco do documentário. O que ele despertará nos alunos?

- ☉ Com papel e lápis na mão, você pode preparar os alunos para assistirem ao terceiro bloco do documentário, orientando-os para que anotem tudo o que acharem mais interessante, o que lhes chamar a atenção, o que lhes causar estranhamento. A socialização dessas impressões suscita interesses e idéias para continuar um projeto a partir do documentário.

Nessas ações, o que importa é provocar o olhar atento dos alunos para os diferentes fazeres artesanais, levando-os a vivenciar este processo e fazendo-os compreender como a cultura e a arte popular se organizam nesse contexto.

Ampliando o olhar

- ☉ Na continuidade da primeira exploração com a argila, já sugerida, os alunos podem aprender mais sobre esse material e a necessidade de começar o trabalho amassando-a para retirar o excesso de água e as eventuais impurezas agregadas à ela. Placas, rolinhos, bolinhas, cubos, formas irregulares podem ser criadas para que percebam a maciez e a fluidez da argila, sem preocupação com a modelagem específica de figuras ou objetos.
- ☉ No documentário, é possível ver como os artesãos modelam as peças manualmente, usando ferramentas improvisadas: pena para fazer o olho, faca para cortar a boca, palito para as narinas, pedacinho de pente para os detalhes de barba, cabelo, tábua para bater a base, arame para dar sustentabilidade. Depois da exploração com a argila, os alunos podem experimentar essas e outras ferramentas, percebendo os seus efeitos expressivos.

- ☉ Uma expedição para conhecer o trabalho de oleiros de sua região é um bom modo de ampliar o contato com a cerâmica e sua história. Um roteiro para entrevistas e uma pauta do olhar ajudam a desenvolver a percepção para apreciar a produção de cerâmicas artesanais e conhecer o processo de modelagem, secagem e queima, bem como os instrumentos utilizados. Como poderiam ser realizados registros dessa expedição?
- ☉ Outra expedição interessante seria para as feiras ou lugares que comercializam artesanato. Registros, levantamentos das diversas categorias artesanais e de suas características regionais, entrevistas com os artistas e artesãos, buscando descobrir sua temática e foco inspirador, formariam um rico material de estudo, ampliado também por pesquisas sobre as feiras famosas de Caruaru e outras que acontecem aos domingos nas grandes cidades.
- ☉ Para aflorar a imaginação de seus alunos, convide-os à criação de cenas do cotidiano de sua região: usos e costumes de sua gente no trabalho, no lazer ou em outras atividades diárias. Como aquecimento, levante títulos de várias cenas e, depois, proponha que os alunos os transformem em pequenas representações em grupo, “congelando” um momento específico. Rápidos desenhos de observação poderiam ser feitos para o registro. Como cada aluno faria a sua interpretação poética da cena vista? Utilizaria o bidimensional de uma placa de argila, trabalhando em baixo-relevo, ou construiria no tridimensional?
- ☉ O olhar sobre arte popular de muitos tempos e lugares diversos evidencia a manifestação do imaginário surrealista. A convocação dos alunos para a criação de seres fantásticos pode partir de uma nova exibição da segunda parte do documentário. Nesse bloco, há o enfoque no trabalho de Mestre Galdino, sua cerâmica figurativa repleta de figuras do imaginário fantástico e seus poemas para cada peça realizada. Para alimentar as criações, torna-se oportuna uma busca pela cultura visual contemporânea, repleta desses seres fantásticos, e pelos contos e lendas retirados da tradição oral.
- ☉ Interessante observar o procedimento artístico da cerâmica em

miniatura feita pelas artesãs Dona Celestina e Mariete. A obra de Jeanete Musatti, também presente na DVDteca Arte na Escola, pode ser uma boa oportunidade para perceber a estética do cotidiano na arte contemporânea, assim como a questão da escala. O que os alunos podem inventar a partir dessas obras?

Conhecendo pela pesquisa

- A pesquisa sobre tradições locais que envolvam a oralidade, ou seja, as ações passadas de uma geração a outra a partir da narrativa oral, pode ser um modo de valorizar o patrimônio imaterial. O registro dessas histórias em textos verbais e visuais pode produzir cadernos de memória. A obra de Franklin Cascaes, também presente na DVDteca Arte na Escola, é um exemplo desses possíveis registros.
- Quem cuida do patrimônio cultural em sua cidade? O que os alunos sabem sobre os bens patrimoniais de sua região? Uma pesquisa pode envolver a arquitetura, a música, a dança, as artes visuais, assim como a museologia e os arquivos históricos para descobrir interfaces culturais que tecem a identidade e a diversidade dos moradores de sua cidade.
- Os procedimentos construtivos da cerâmica figurativa artística, experimentados também pelos alunos, podem ser desenvolvidos com pesquisas em bibliografias especializadas e na internet. Quais questões os alunos levantam para saber mais sobre cerâmica? Como as respostas podem ajudá-los na criação de suas peças?
- Mestre Vitalino retirava o barro do Rio Ipojuca para a construção artística de suas obras. Existem tipos de argila em cores e densidades diversas. Quais os tipos de argila encontrados em sua região ou em locais próximos? A organização e coleta de materiais, categorizando-os por cores e outros detalhes, podem compor um trabalho interdisciplinar, com a área de ciências naturais e geografia, envolvendo a pesquisa do solo e dos recursos naturais. É preciso, entretanto, ter cuidado com áreas que apresentam contaminação de solo, como áreas próximas a esgotos.

- ☉ A Banda de Pifanos de Caruaru traz uma sonoridade regional. Quais as relações entre ela e a temática cotidiana do sertanejo nordestino, presente também na cerâmica figurativa popular? O que os alunos podem pesquisar sobre ela?
- ☉ Outro tema de pesquisa seria o artesanato fabricado em sua cidade. Observe em feiras e praças como os artesãos realizam seus fazeres e relacione com aspectos pontuais do documentário, enfatizando diferenças e semelhanças com manifestações artesanais e artísticas encontradas em sua região.
- ☉ O Museu do Folclore Edison Carneiro, pertencente ao Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – CNFCP, está instalado em dois casarões do final do século 19, na Rua do Catete no Rio de Janeiro. Cerca de mil e quatrocentos objetos compõem um diversificado painel das manifestações da cultura popular brasileira. Se for possível, agende uma pesquisa no laboratório de informática de sua escola para pesquisar esse e outros museus que tratam da cultura popular.
- ☉ Para problematizar com seus parceiros professores, sugerimos uma conversa sobre as questões do patrimônio cultural tendo como ponto de partida o conceito de educação patrimonial que, segundo Denise Grinspum⁴, são:

formas de mediação que propiciam aos diversos públicos a possibilidade de interpretar objetos de coleções de museus, do ambiente natural ou edificado, atribuindo-lhes os mais diversos sentidos, estimulando-os a exercer a cidadania e a responsabilidade social de compartilhar, preservar e valorizar patrimônios com excelência e igualdade.

Desvelando a poética pessoal

Mestre Vitalino provocou um olhar diferenciado para a cerâmica figurativa, influenciando gerações de artesãos para a temática da cena cotidiana nordestina, sua gente, usos e costumes. Impulsionar o olhar para o território do **Patrimônio Cultural** é o foco deste documentário. O que ele terá provocado para a produção de uma série de trabalhos, mergulhando na poética nascente de cada aluno?

Amarrações de sentidos: portfólio

Com seu aluno, você pode mapear os conhecimentos e caminhos percorridos com as interfaces culturais, em suas produções, tendo como ponto de partida este documentário. Uma mostra organizada por todos, com convites para os artesãos locais, pode evidenciar a diversidade cultural de sua região.

Os portfólios com os percursos, trabalhos e pesquisas realizadas podem ser organizados em caixas pintadas ou encapadas com papéis coloridos ou papel-jornal, como um canal de notícias, referendando as produções e estudos sobre a cultura popular e as temáticas cotidianas de sua localidade. Essas ações podem revelar os sentidos e conhecimentos aguçados por este documentário, também a serem expostas à comunidade.

Valorizando a processualidade

A escolha por este documentário, e as questões que problematiza, pode ser o início de uma boa conversa com seus alunos visando a percepção de alguns caminhos compartilhados por vocês. Os seus alunos ampliaram o conhecimento sobre a importância do patrimônio para a memória social, cultural e histórica? Compreenderam a importância do legado de Mestre Vitalino para a cerâmica figurativa nordestina? Perceberam os diferentes procedimentos da tridimensionalidade? Verificaram a diversidade na prática artesanal das regiões brasileiras?

Você pode, ainda, encontrar na DVDteca Arte na Escola outros documentários que serão bons complementos para algumas questões levantadas. Fica o convite!

Glossário

Banda de Pifanos de Caruaru – criada em 1924, no alto sertão nordestino, a Banda de Pifanos de Caruaru tem como instrumento principal o pifano, ou “pife”, uma espécie de flauta transversa de madeira, rústica e com afinação pouco precisa. O grupo começou sua trajetória acompanhando rituais religiosos e festas tradicionais dos sertões pernambucano e

alagoano. Permaneceu no âmbito folclórico até, na segunda metade dos anos 60. Gilberto Gil foi conhecer a banda em Caruaru e, do encontro, surgiu *Pipoca moderna*, gravada em 1971. Em 1999, gravou *Tudo isso é São João*, pela Trama, e seus instrumentistas mudaram a residência para São Paulo. Fonte: <www.entrecantos.com/pifanoquem.htm>.

Folclore – “Do ponto de vista das políticas de salvaguarda do patrimônio cultural, a noção de cultura popular mais operativa é a que se opõe à cultura oficial dominante e à cultura de massa, aproximando-se mais da noção de folclore. Mas não da noção de folclore que remete a um simulacro de tradição e autenticidade preservado de maneira estática, como testemunho do que se perdeu, e, sim, da noção de folclore relativa aos saberes do povo, à autonomia, à liberdade e à dinâmica criativa dos vários grupos sociais em relação à cultura oficial e à cultura de massa. Às alternativas potenciais ao que é posto e imposto.” Fonte: VIANNA, Letícia. *Tradições populares e indústria cultural*. Disponível em: <www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2004/dpc/tetxt2.htm>.

Patrimônio histórico e artístico nacional – conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país, e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. Fonte: LEMOS, Carlos. *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 43.

Bibliografia

BUCHMANN, Luciano. A pertinência do patrimônio cultural brasileiro pelo ensino da arte. *Revista Digital Art&*, v.2, 2004, p. 6. Disponível em: <www.revista.art.br>. Acesso em 14 jan. 2006.

CAMPOS, Neide Pelaez de. *A construção do olhar estético-crítico do educador*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

LEMOS, Carlos. *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. *A língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998.

MASSOLA, Doroti. *Cerâmica: uma história feita à mão*. São Paulo: Ática, 1994 (Um passo à frente).

RICHTER, Ivone Mendes. *Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

VALLADARES, Clarival do Prado (org.). *Artesanato brasileiro*. Rio de Janeiro: Funarte, 1980.

Bibliografia de arte para crianças

BUCHMANN, Luciano. *Entendendo museus: preparando a visita de crianças a museus*. Curitiba: Due Design, 2000.

MACHADO, Ana Maria. *A peleja*. Rio de Janeiro: Berlendis & Vertecchia, 1986. (Coleção arte para criança. Arte popular).

SOUZA, Flavio de. *Lendas e causas da caipora*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998. (Castelo Rá-Tim-Bum).

VIDAL, Jean-Jacques; JAMES, Paulo. *Ceramicando*. São Paulo: Callis, 1997.

Seleção de endereços sobre arte na rede internet

Os sites abaixo foram acessados em 6 fev. 2006.

ALTO DO MOURA. Disponível em: <www.imaginariopernambucano.com.br/areasdeatuacao_altodomoura.shtml>.

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR e MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO. Disponível em: <www.ivt-rj.net/museus_patri/antariores/folclore/destaque.htm>.

CERÂMICA. Disponível em: <www.ceramicanorio.com/artepopular/caruaru/caruaru.htm>.

MUSEU DO BARRO. Disponível em: <www.cultura.pe.gov.br/museu6_caruaru.html>.

VITALINO, Mestre. Disponível em: <www.terrabrasileira.net/folclore/regioes/2artes/nd-vital.html>.

_____. Disponível em: <www.fundaj.gov.br/docs/pe/pe0043.html>.

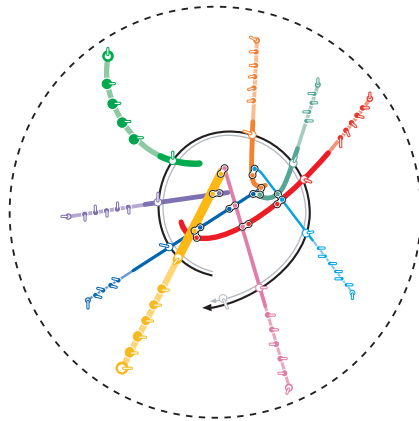
Notas

¹ CORSINO, Célia Maria. *Manifestações populares: o patrimônio imaterial e o encontro das linguagens*. Disponível em: <www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2001/ling/lingtxt5.htm>. Acesso em 5 fev. 2006.

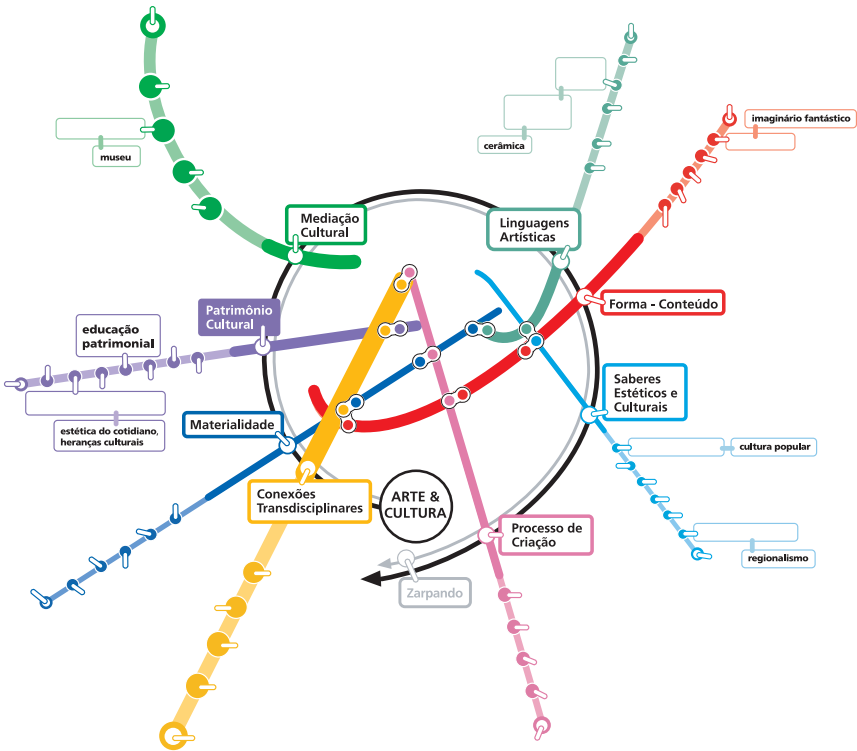
² Alguns títulos de obras: *Família de retirantes, Enterro na rede, Festa de casamento, Barbeiro de feira, Aguadeiro carregando água, Pescador com vara e anzol, Cavador de açude, Mulher com lata de água na cabeça, Mulher apanhando algodão, Casa de farinha, Vacinação, Dentista, Fotógrafo, Agricultor voltando da roça, Doutor auscultando o doente, Centauro, Homem com cachorro, Médico operando o doente, Comedores de banana, Time de futebol, Banda de pífanos, Lampião e Maria Bonita, São Francisco cangaceiro, Menino sentado no penico, Velho acorocado soprando fogo na roça, Escola radiofônica, Roberto Carlos cantando, Bumba-meu-boi, Os três no forró*. Fonte: <www.ceramicanorio.com/artepopular/caruaru/caruaru.htm>. Acesso em 6 fev. 2006.

³ FUNARI, Pedro Paulo. *Patrimônio e diversidade: o que você quer preservar?* Disponível em: <www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/novembro2005/ju310pag02.html>. Acesso em 6 fev. 2006.

⁴ GRINSPUM, Denise. *Educação para o patrimônio: museu de arte e escola - responsabilidade compartilhada na formação de públicos*. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação - USP, São Paulo, 2000, p. 27.



Mapa potencial
A HERANÇA DE
MESTRE VITALINO



Patrocínio | Organização



FUNDAÇÃO
IOCHPE



www.artenaescola.org.br